

16. MAIO 1984

# ÁFRICA JORNAL

## Acordo de Nkomati

# Tudo está a correr bem

A aplicação do acordo de Nkomati, concluído entre Moçambique e a África do Sul, tem estado a ser feita numa base de prontidão e eficiência que traduz um sério empenhamento de ambas as partes no seu pleno êxito.

Na semana passada esteve mais uma vez reunida em Maputo a comissão conjunta de Segurança, criada no âmbito do acordo. A comissão, que é co-presidida pelo coronel Sérgio Vieira e pelo general Johann Coetzee, já tinha estado reunida duas vezes desde a assinatura do acordo.

Sabe-se que o tema dominante dos consultas no plano da segurança tem sido a protecção dos mil quilómetros de linhas que transportam a energia produzida em Cahora-Bassa para a África do Sul. O apoio logístico às forças do exército moçambicano que constituem o dispositivo de segurança das linhas está a ser assegurado pela África do Sul. (ver pág. 2).

O zelo com que a África do Sul (e igualmente Moçambique) tem estado a aplicar o acordo de Nkomati levou recentemente as autoridades a sugerir ao secretário-geral da RNM, Evo Fernandes, que abandonasse o país. Foi para os Estados Unidos. Aos outros líderes da organização foi por sua vez interdita qualquer actividade política na África do Sul.

Vão-se também multiplicando os contactos com vista à retoma da utilização dos caminhos de ferro e portos de Moçambique pela África do Sul. Preparando-se para isso, as autoridades moçambicanas adoptaram recentemente medidas visando melhorar a operacionalidade das vias férreas e em especial do porto de Maputo.

A rede ferroviária e portuária do sul de Moçambique foi dimensionada pelas autoridades coloniais portuguesas tendo em conta o mercado vizinho da África do Sul. Nos últimos três anos de boicote sul-africano aos caminhos de

ferro e portos do país vizinho, Moçambique perdeu 3,4 biliões de dólares.

No âmbito estrito do acordo de Nkomati e fora dele, a África do Sul vem também multiplicando gestos dos quais transparece uma aposta séria no êxito do relacionamento pacífico e de boa vizinhança com Moçambique, favorecido pelo acordo.

Há três semanas ofereceu 600 toneladas de maçãs às crianças das escolas moçambicanas (500 mil dólares) e, no sábado, a mulher do primeiro-ministro sul-africano, a senhora E. Botha, foi a Maputo entregar um donativo à Organização das Mulheres Moçambicanas.

«**Tudo está a correr bem, estamos optimistas**», comentou uma fonte moçambicana.

Enquanto isto a RNM, confirmando uma dedução que já se fazia, levou nas últimas semanas aos arredores de Maputo as suas acções. Em muitos casos, como notam observadores locais, acções de pilhagem e intimidação de pessoas.

O Notícias de Maputo, em editorial recente, escreve que «era de facto previsível que os bandidos intensificassem a sua actuação, procurando apressadamente forjar uma imagem de capacidade e autonomia relativamente ao exterior.»

A RNM nunca tinha levado a cabo acções na zona de Maputo, facto interpretado como uma prova acabada do controlo exercido sobre ela pela África do Sul. Ao regime de Pretória nunca interessou propriamente a queda do governo moçambicano mas apenas a desestabilização do país a níveis pré-determinados.

Agora que a África do Sul deixou cair a RNM e já não tem ascendência sobre ela, percebe-se o alastramento das suas actividades a Maputo. ■